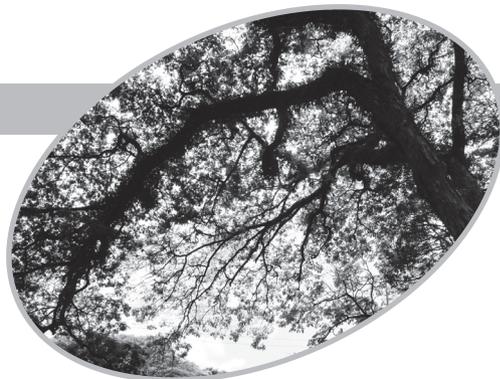


A disputa pela voz: conflito e negociação de sentidos na construção de uma telenarrativa jornalística¹



Emerson Charlley da Fonseca Fraga

*Graduado em Jornalismo pela
Universidade de Brasília
E-mail: fraga.emerson@gmail.com*

Luiz Gonzaga Motta

*Doutor em Comunicação pela University of Wisconsin
Professor do Programa de Pós-graduação em
Comunicação da Universidade de Brasília
E-mail: luizmottaumb@yahoo.com.br*

Resumo: A correlação de forças entre fontes, jornalistas e telejornal na cobertura de um conflito político. Resultados indicam que fontes, jornalistas e veículos são atores engajados em uma velada disputa pela voz, uma relação de dependência e cooperação. Indicam também o valor do *cânon narrativo*: o conflito dramático é o *frame* estruturador que tece a trama, e funciona como um marco cognitivo para organizar o difuso mundo político.

Palavras-chave: fontes, disputas pela voz, negociação de sentidos, cânon narrativo, conflito dramático.

Disputa por la voz: conflicto e negociación en un telenoticiero

Resumen: Correlación de fuerzas entre las fuentes, periodistas y un telenoticiero en la cobertura de un conflicto político. Resultados indican que fuentes, periodistas y medios son actores sociales involucrados en una velada disputa de dependencia y cooperación. Indican además el valor del *canon narrativo*: el conflicto dramático es el *frame* estructurador que teje la trama y funciona como un marco cognitivo para organizar el difuso mundo político.

Palabras claves: fuentes de noticias, disputas por la voz, negociación de sentido, canon narrativo, conflicto dramático.

Voice disputes: conflict and meaning negotiation in a telenarrative

Abstract: Power correlations between news sources, journalists and a newscast report of a political conflict. Findings indicate that sources, journalists and the medium are active social actors engaged in a hidden dispute of dependence and cooperation. Data also indicates the value of the *narrative canon*: the dramatic conflict is the structuring frame which interweaves the plot as a cognitive frame that organizes the diffuse political world.

Keywords: sources of news, voice disputes, negotiation of signification, narrative canon, dramatic conflict.

O estudo

O objetivo deste estudo é analisar os processos de confronto e negociação de sentidos que ocorre entre os principais atores sociais envolvidos no processo de produção das narrativas jornalísticas: por um lado, as fontes ou *news promoters*. Por outro, os jornalistas e seus veículos, ou *news assemblers*.² A pesquisa aqui relatada investiga até que ponto a versão publicada a respeito de um determinado acontecimento é produto da habilidade, estratégia e poder de cada um desses atores de interferir no próprio transcurso dos eventos e em sua narração.

¹ A pesquisa aqui relatada é parte do projeto “Narrativas jornalísticas e conhecimento de mundo: a construção da história do presente”, da linha de pesquisa Jornalismo e Sociedade, do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, registrada no Diretório do CNPq.

² Essa denominação foi originalmente utilizada por H. Molotch e M. Lester no artigo “News as a purposive behavior: on the strategic use of routine events”. *American Sociological Review*, v. 3, 1974. Uma tradução ao português do artigo está na coletânea organizada por N. Traquina, *Jornalismo: questões, teorias e histórias*. Coleção Comunicação&Linguagens. Lisboa: Vega, 1993.

O objeto da análise empírica é a cobertura pelo *Jornal Nacional*, da TV Globo, da chamada “crise da Universidade de Brasília de 2008” provocada pelo escândalo de desvio de verbas das fundações de apoio na gestão do ex-reitor Timothy Mulholland. O envolvimento e a ação posterior do movimento estudantil, um ator social ativo neste episódio, resultou na ocupação do prédio da reitoria da universidade no mês de abril. Isso acrescentou ingredientes mais picantes ao episódio, seguindo-se a renúncia posterior do reitor.

A narrativa jornalística não é toda a realidade atual, mas uma versão construída através da negociação de sentidos



Embora de âmbito local, o episódio recebeu ampla cobertura da grande mídia, transformando-se em um escândalo nacional. Além de um conflito acirrado, o episódio continha elementos que o credenciavam como um escândalo político, tais como uma transgressão moral, a ocultação e revelação de informações, desaprovação pública etc (Thompson, 2002).³ Esses ingredientes garantiram ao episódio uma surpreendente visibilidade midiática. Desde os primórdios do episódio em fevereiro, até o seu clímax em abril, quando se deu a ocupação da reitoria e a renúncia do reitor, o *Jornal Nacional* dedicou 27 matérias à crise, o que revela a dimensão midiática que o escândalo obteve. As ações destes atores sociais e o envolvimento

³ Thompson (2002:40) define o escândalo político como “ações e acontecimentos que implicam certos tipos de transgressões que se tornam conhecidos de outros e que são suficientemente sérios para provocar uma resposta pública”.

da mídia proporcionou aos pesquisadores um laboratório natural para a observação da relação entre fontes e jornalistas, objeto da presente pesquisa.

Introdução

Nesta pesquisa, a categoria *conflito dramático* é tomada como ponto nevrálgico da estória. Por que o conflito é tomado nesta pesquisa como uma categoria central? Porque no entender dos pesquisadores o conflito dramático é o frame estruturador fundamental de qualquer narrativa, particularmente da narrativa jornalística, que dispõe o desenrolar das ações e posiciona as personagens em conflito em uma sequência temporal, como uma estória. O uso deste frame dramático pelos jornalistas para enquadrar os fatos em notícias diárias tece a trama através do relato dos incidentes, as peripécias, rupturas, transgressões, continuidades e descontinuidades. Ele é o *frame* (enquadramento) que o narrador jornalístico utiliza para organizar a difusa e confusa realidade que pretende relatar. Ao mesmo tempo, é o frame cognitivo através do qual os receptores interpretam os fatos relatados (Motta, 2013). Por um lado, o frame dramático fornece aos narradores uma moldura para enquadrar a difusa realidade, por outro, oferece aos receptores um marco para interpretar os acontecimentos.

No tecer da narrativa, em torno de um conflito central, se organizam as ações, continuidades/descontinuidades, conflitos e personagens.⁴ Na simplificação que a mídia faz ao representar a complexidade do real, o conflito costuma centrar-se em um protagonista principal *versus* um antagonis-

⁴ O conflito não provém da representação dramática, não é uma categoria originária do discurso. Origina-se no mundo fático da vida, é uma categoria específica da política, psicanálise e outros campos sociais, como observa Schmitt (1996). Para este autor, as diferenças ou assimetrias geram o enfrentamento coletivo e o inevitável antagonismo amigo/inimigo. Na narrativa, o conflito político é textualizado pelo narrador em um “projeto dramático”. Funciona como um frame ou enquadramento que se apropria da complexa realidade e a relata enquanto enfrentamento político, social, religioso etc.

ta, mediados sempre pela disposição que o narrador repórter, e/ou o narrador jornal, compõem. As ações das duas personagens antagônicas, em confronto uma com a outra, trazem também para a cena narrada personagens adjuvantes, que apoiarão quase sempre o protagonista ou o antagonista.

Nesta pesquisa, as personagens manifestas ou implícitas da estória narrada pelo telejornal serão classificadas de acordo com a sua posição e a sua voz no conflito, sempre como protagonista ou antagonista. Além deste dualismo, aparecem os adjuvantes, mas eles sempre entram na estória para apoiar um ou outro lado, mantendo-se a polaridade. Na pesquisa quantitativa desenvolvida nesta análise, a unidade de contagem é o segundo, fração de tempo ocupada por cada personagem na narrativa do telejornal. Os resultados do confronto e divisão de espaços de voz e seus apoios servem como dados brutos para uma análise baseada na teoria da narrativa aplicada ao jornalismo, conforme delimitada por Motta (2013).

A narrativa que o jornalismo oferece à audiência não é toda a realidade atual, nem a verdade definitiva, mas uma versão construída através de uma negociação de sentidos, filtros culturais, comerciais e técnicos: uma teia trançada com fios, produto das negociações simbólicas e das circunstâncias históricas. Entretanto, por causa da legitimidade outorgada pela sociedade e a credibilidade pública que a mídia goza, a representação dos eventos veiculada por ela se transforma na verdade hegemônica, passa a ser a própria realidade mediada pelo jornalismo. É em torno da construção desta verdade hegemônica que indivíduos e instituições se engajam diariamente na atividade de construir acontecimentos midiáticos guiados por estratégias e táticas de comunicação, de acordo com os fins em vista (a intencionalidade dos interlocutores).

Em momentos de crise, esse engajamento se acirra em disputas simbólicas e intensas negociações explícitas ou implícitas pela produção do *corpus* resultante, a versão he-

gemônica das ocorrências (Bourdieu, 2002; Cook, 2005). Identificar e analisar essa disputa são o foco deste trabalho, e o caminho através do qual a análise perseguiu a construção da narrativa telejornalística. Como argumentam Molotch e Lester (1993), “os acontecimentos públicos... são objetos culturais construídos por interesses e intencionalidades específicas, não por valores externos inerentes. Sua noticiabilidade não está contida nos seus traços objetivos”.

● A narrativa jornalística

Os veículos noticiosos prezam muito o “valor narrativo” dos acontecimentos sociais, sua potencialidade para transformar-se em uma “boa estória”. Esse potencial narrativo de um incidente, a nosso ver, tem mais força atrativa para os jornalistas que os chamados valores-notícia (atualidade, abrangência, relevância, notabilidade etc.) tão celebrados pelos manuais de jornalismo. Quanto mais elementos dramáticos para enriquecer uma construção narrativa o episódio contém, mais chances ele terá de ser publicado e acompanhado de perto pelos veículos de comunicação durante dias, semanas ou meses a fio.

As características da narrativa tradicional, como, por exemplo, uma manifesta disputa entre um protagonista e um antagonista, um obstáculo que atrapalhe o bom andamento do estado de coisas, ou ainda a possibilidade do fato se desdobrar em consequências para vários adjuvantes envolvidos, fazem com que um acontecimento seja midiaticizado com forte intensidade e ganhe ampla uma visibilidade. Isso permite que o narrador trace seus próprios recortes, faça suas escolhas para relatar esse fato ao longo do tempo, de forma a criar uma narrativa atraente e compreensível acerca deles. Os *media* funcionam como mediadores – embora assumam também o papel de atores – da representação do conflito social.

A narrativa, em linhas gerais, é uma forma cultural de organizar os fatos da realidade de modo que façam sentido em um contexto

geral. Narrar é estabelecer sequências lógicas e inteligíveis que reúnem diversos aspectos simultâneos da mesma realidade.

Psicólogos culturais afirmam que a nossa tendência para organizar a experiência de forma narrativa é um impulso humano anterior à aquisição da linguagem: temos uma predisposição primitiva e inata para a organização narrativa da realidade (Jerome Bruner, 1998 in Motta, 2013).

A forma narrativa de compreender e interpretar o mundo sensível é o campo de estudos da teoria literária. Fazemos aqui uso das teorias da narrativa, muito desenvolvidas nos estudos da literatura, para estudar o relato noticioso. Mas, compreendemos a narração, muito além da teoria literária, como um ato de fala, uma performance entre interlocutores. Acreditamos que este caminho proporciona a oportunidade de interpretar os conflitos narrados, o papel das personagens, os encaidamentos e sequências, os pontos de virada e, principalmente, os efeitos de sentido decorrentes da organização narrativa dos conflitos reais entre os atores sociais envolvidos.

A notícia, principal produto jornalístico, é fruto de conflitos de interesses e de sentidos. Para que seja construído um discurso narrativo a partir de uma realidade polissêmica, e de variáveis que podem fugir à percepção do jornalista, ele seleciona, escolhe e recorta aspectos que considera mais relevantes em cada fato, de acordo com a sua cultura profissional e as suas possibilidades concretas nesta mediação. É pelo conjunto dessas notícias que se constrói uma narrativa maior, simbólica, que “elucida” a realidade.

Segundo Motta, Borges e Lima (2005):

Não é em uma única e isolada notícia onde encontraremos uma narrativa a contar uma estória, mas em um conjunto delas a respeito do mesmo assunto, no contínuo acompanhamento de fatos que se sucedem ao longo de dias ou semanas seguidas.

Isso significa que é pela observação do conjunto do noticiário de cada dia, enxer-

gando-o como se fosse uma obra dividida em capítulos, que se torna possível entender e analisar os símbolos e a totalidade da narrativa jornalística. Ao final de várias notícias e textos sobre um mesmo tema, está criada uma narrativa jornalística confeccionada pelo veículo e pelo jornalista como “resposta” aos estímulos dos atores envolvidos nos acontecimentos e da observação acerca desses fatos. Assim procedemos nesta análise.

A construção da notícia, portanto, não depende somente de fatores espontâneos ou aleatórios. O fato, conforme contado pela mídia, é fruto de disputas de sentido entre os vários agentes envolvidos ou com algum interesse sobre o assunto. Cada personagem quer expor com maior ênfase o seu ponto de vista e o seu modo de configurar a realidade. O modo como agem, falam ou se silenciam configura a imagem que esperam construir: cada ator quer que o seu ponto de vista seja predominante na narrativa. Uma acirrada disputa de capital simbólico que não se vê, mas que está presente tanto na aquiescência quanto na subordinação, conforme a correlação de forças: um poder de construção do sentido imediato do mundo que está presente nas práticas concretas do cotidiano (Foucault, 2010).

Esse processo faz parte não apenas da projeção de poder dos atores sociais, mas da própria luta pela voz, que representa poder. A voz é parte essencial da batalha pelo poder, mais até que os próprios conteúdos ou representações midiáticas que tornam os fatos dotados de sentido. Essa disputa de sentido define quem tem maior poder e capital simbólico, e pode determinar a representação pública de um conflito real. Conforme Bourdieu (2007), o jogo político passa pela “luta pelo poder propriamente simbólico do fazer ver e fazer crer”.

A “tessitura da narrativa jornalística” resulta da negociação de três tipos de agentes responsáveis pelo agendamento no jornalismo, segundo Molotch e Lester (1974). Os *news promoters* são os promotores da notícia,

que são os atores sociais diretamente envolvidos no conflito real (as fontes). Já os *news assemblers*, jornalistas e veículos de comunicação, definem os assuntos e a maneira de abordá-los, baseados em suas culturas profissionais, preferências ideológicas e comerciais, desempenhando o papel de mediadores no conflito pela voz. A terceira categoria é formada pelos *news consumers*, o público dos meios de comunicação, destino da narrativa jornalística (que não analisaremos nesta pesquisa).

Conscientes da luta simbólica, as fontes (*news promoters*) estão cada vez mais ativas na conquista de espaço e na disputa pela voz, induzindo estrategicamente os jornalistas (*news assemblers*) a adotarem um discurso mais próximo aos seus interesses (Sant’Ana, 2006). É o que o autor chama de “mídia das fontes” em seu livro com o mesmo título. Ideias muito próximas de Chaparro (2010), segundo o qual, as fontes estão ganhando espaço e organizando uma verdadeira “revolução” no modo de fazer jornalístico. Essas observações significam que os atores sociais estão cada vez mais ativos e conscientes, assumindo seus papéis de maneira mais explícita que em momentos anteriores.⁵

Procedimentos operacionais de pesquisa

Para observar essas relações nos processos de produção da notícia e estudar empiricamente os reflexos das disputas de sentido entre os atores envolvidos e uma narrativa jornalística concreta, os autores optaram pelo estudo de uma narrativa temática, a cobertura telejornalística da crise da Universidade de Brasília em 2008, que culminou com a renúncia do reitor Timothy Mulholland. O *Jornal Nacional*, da Rede Globo, apresentou

⁵ Não estamos de acordo com a expressão “monopólio dos profissionais”, de P. Bourdieu (2007, cap. 7). Há, de fato, uma acentuada hegemonia dos profissionais (os *news assemblers*) que lhes confere maior poder de voz, conforme este estudo revela. Mas, insistimos que os constrangimentos de mercado da empresa jornalística não eliminam uma acirrada disputa pelo poder de voz nos processos de produção telejornalística, conforme veremos adiante neste artigo.

13 produtos jornalísticos – matérias, entradas ao vivo e stand-ups – sobre a crise episódica que se instalou após a ocupação do prédio da reitoria pelos estudantes no mês de abril daquele ano, de um total de 27 matérias veiculadas sobre a crise na UnB em todo o primeiro semestre de 2008.



Narrar é estabelecer sequências lógicas e inteligíveis que reúnem diversos aspectos simultâneos da mesma realidade

Cada um desses 13 produtos jornalísticos foi analisado quantitativa e qualitativamente, utilizando-se a análise de conteúdo como procedimento empírico a partir do uso de categorias da análise da narrativa. O estudo tomou a sequência de notícias sobre o tema como uma grande narrativa continuada, no transcorrer da qual se digladiaram atores sociais reportados como personagens de um enfrentamento dramático. A partir da proposta de Gerard Genette (1998), desenvolvida por Motta (2013), os pesquisadores definiram operacionalmente três narradores principais a serem investigados. Os dois primeiros (veículo + jornalistas) se enquadram na definição de *news assemblers*, conforme explicado acima, e o terceiro, as fontes, na de *news promoters*.

1) *Primeiro narrador* (com o maior poder): o próprio telejornal, ou o *Jornal Nacional* da Rede Globo de Televisão. Os editores do *Jornal Nacional* (que nunca aparecem em cena) e seus apresentadores representam a voz do veículo. Eles detêm maior poder de voz porque são responsáveis pela inclusão ou exclusão final das matérias, sua edição, pelos destaques na escalada, duração da matéria etc. Os editores detêm o poder

de veto de imagens e falas provenientes do material bruto coletado pelos repórteres. Seu capital simbólico é hegemônico porque representam o veículo e a emissora.

Quando os atores utilizam o capital simbólico que detêm provocam reações na narrativa e, por conseguinte, na realidade



2) *Segundo-narrador* (com poder de voz intermediário): os jornalistas (repórteres); os narradores secundários são os repórteres que cobriram diretamente os acontecimentos ligados à ocupação da reitoria pelos estudantes. Embora com um capital simbólico submetido ao *Primeiro narrador*, o narrador-jornalista detém o poder editorial de selecionar personagens, destacar um ou outro, entrevistá-los, conceder a eles a voz, posicioná-los positiva ou negativamente no conflito, hierarquizá-los, excluí-los etc.

3) *Terceiro-narrador* (com reduzido poder de voz, mas algum poder sempre): por um lado, as fontes. Elas se transformam em personagens, identificadas nesta cobertura como 1) o protagonista principal, o movimento estudantil, e seus adjuvantes apoiadores; 2) o antagonista principal (reitoria) e seus adjuvantes apoiadores, por outro lado. Esses dois personagens eram os protagonistas do conflito principal da estória relatada. Protagonistas (estudantes) e antagonistas (reitoria), assim como seus adjuvantes, considerados narradores terciários porque suas falas na estória narrada expressam vozes de atores sociais vivos e ativos, embora com um poder mais limitado na enunciação que o *Primeiro* e o *Segundo* narradores.

Para a mensuração de dados tangíveis foi escolhido o tempo medido em segundos, uma medida quantificável. O tempo que um ator social obtém no telejornal é um indicador tangível de poder, embora dados qualitativos precisem complementá-lo na análise para se apreender com maior rigor a representação do poder de voz, conforme se verá adiante.⁶

A análise foi além do discurso em si, entretanto, para observar também o objeto de desejo dos atores expresso no discurso. Se determinado ator social tem um discurso “X” apenas para produzir um efeito “Y” e a fala dele, “Z”, não expressa essa ideia, o que é levado em consideração é o efeito produzido por ele na narrativa. Isso significa, por exemplo, que mesmo quando o Ministro da Educação pede “calma” e parece neutro, podemos interpretar que seu posicionamento é favorável à manutenção das coisas, naquele momento: a ocupação da reitoria pelos estudantes. Excluimos, portanto, a classificação neutra.

A análise, entretanto, se limita ao universo da narrativa. Não nos interessou neste estudo (nem seria o caso) desvendar os jogos políticos ou pressões por trás da atitude do Ministro ou o seu passado em relação ao movimento estudantil, etc. A relação é quase de causa-efeito: quando os atores utilizam o capital simbólico que detêm, provocam reações na narrativa e, por conseguinte, na realidade – ou vice-versa.

Apesar disso, foi considerado para a análise, além de a) o discurso do ator social e b) seu objeto de desejo, um terceiro fator c: como o texto o apresenta. É relevante para a narrativa o modo como aparece o personagem, o modo como seus atos são retratados,

⁶ Se o âncora do JN lê o discurso da Polícia Federal que prega a tolerância com os estudantes e a espera para um desfecho pacífico, por exemplo, o tempo de fala é considerado como sendo do adjuvante do protagonista. Isso porque é de interesse dos estudantes esse discurso do modo como foi proferido, pois a reitoria (antagonista) queria a retirada à força. Não há aí apuração do Jornal Nacional ou análise dos fatos, senão apenas o fato de dar voz a um ator social considerado pelos news promoters como relevante na construção dessa narrativa.

recortados e selecionados. Na narrativa do Jornal Nacional sobre a ocupação da reitoria, os estudantes, por exemplo, são mostrados predominantes como guerreiros em prol do saudável funcionamento da sociedade, e contra a corrupção. A narrativa jornalística poderia ter escolhido abordá-los como arruaceiros sem propósito, mesmo exibindo seus discursos políticos. Eles poderiam ter poder de fala em um outro contexto, que tornaria a narrativa contraditória. Na presente análise, pesam mais as opções feitas pelos *news promoters*, os jornalistas e editores do Jornal Nacional, no relato do conflito.

É importante ressaltar, apesar de tudo, que o tempo é relativo na televisão. Além do texto, sons e imagens aparecem para comporem juntos o produto narrativo. Por isso o estudo levou em consideração os elementos audiovisuais, especialmente para analisar os objetos de desejo e os pontos de vista defendidos pelo repórter (no caso da presença dele), pelo veículo de comunicação (em notas e no discurso dos âncoras), tanto quanto os pontos de vista do personagem (por suas expressões e atos retratados no vídeo).

● A crise da UnB em 2008 no Jornal Nacional

O então reitor da Universidade de Brasília no início de 2008, Timothy Mulholland, foi acusado pelo Ministério Público de desviar dinheiro de pesquisa, através de fundações de apoio, para mobiliar seu apartamento funcional com objetos de luxo e de alto valor (os mais conhecidos e emblemáticos foram as lixeiras de mais de mil reais). Desde janeiro de 2008 esses fatos foram amplamente divulgados pela mídia, tornando-se um tema com visibilidade nacional. Na UnB, no reinício das aulas no mês de março, milhares de estudantes se mobilizaram em protestos contra as ações do reitor. No início de abril, depois de ampla mobilização, eles ocuparam a reitoria durante 16 dias, e só saíram depois da renúncia de Mulholland e do vice-reitor, Edgar Mamia.

No início, a repercussão da ocupação parecia negativa na mídia. Algum tempo antes estudantes haviam ocupado a reitoria da Universidade de São Paulo, quebrado móveis e patrimônio, com ampla condenação na mídia e opinião pública. Predominou na cobertura do episódio paulista um “apoio à ordem”. A ocupação da UnB poderia seguir o mesmo caminho (tendo como resultado uma cobertura favorável ao reitor). No caso da UnB, com a entrada em cena de novos atores, como conhecidos políticos, a Polícia Federal e a mídia, o jogo mudou. Além, é claro, da performance midiática dos estudantes.

Em abril, o Jornal Nacional da Rede Globo, programa noticioso de maior audiência da televisão brasileira, noticiou a ocupação da reitoria com 13 produtos (entre notas cobertas, notas peladas, matérias, *stand ups* e *links*) ao longo dos 16 dias de ocupação. Isso representa uma cobertura bastante relevante, já que durante o período o noticiário deixou de falar no tema apenas no dia 09 de abril, uma quarta-feira – considerando que o telejornal não é exibido aos domingos.

O JN gastou **13 minutos e 52 segundos** na cobertura do tema neste período. Esse é o material narrativo aqui analisado. O recorte despreza matérias anteriores e posteriores relacionados ao tema, e considera exclusivamente os registros feitos durante a ocupação da reitoria, entre os dias 03 e 18 de abril de 2008. Durante as 13 edições do telejornal nesse intervalo de tempo, foi gasto, portanto, a média de quase 1 minuto diário para a crise da UnB. Considerando a duração média entre 25 e 30 minutos, significa dizer que o episódio ocupou **4% de todo o espaço** do *Jornal Nacional* no período analisado.

● A primazia das fontes oficiais e a disputa pela voz

O tom da cobertura da ocupação é predominantemente ‘oficialista’ em todos os

produtos jornalísticos do *Jornal Nacional*. Um dos motivos para isso parece ser o distanciamento de quem escreve o texto da realidade dos fatos, já que a maior parte da narrativa jornalística é construída usando notas cobertas, que dispensam a presença e a interação direta do repórter com o local dos acontecimentos, e uma maior variedade de fontes primárias. Isso proporciona maior segurança para editores e a emissora, ao privilegiar as fontes oficiais.

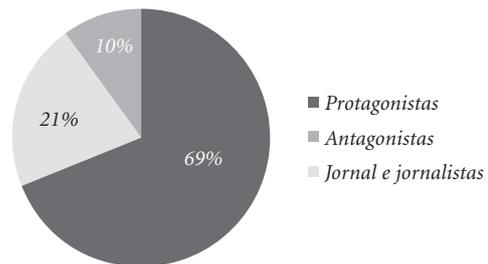
No dia 05 de abril de 2008, em uma nota coberta de 30 segundos, o *Jornal Nacional* apresenta um aspecto curioso da dependência das fontes oficiais. Para não demonstrar claramente que adota o discurso do antagonista (reitoria) pelo simples motivo de ser oficial, o JN troca a palavra “reitoria” por “direção”. Assim, passa a ideia de que Timothy Mulholland, então reitor, pouco tem a ver com essa “direção” da Universidade, descrita como se mediasse tudo do alto.

Os estudantes tem pouca voz diretamente. E essa é a razão de terem inicialmente uma presença fraca na narrativa. Aparentemente, a palavra é negada a eles por dois motivos principais. O primeiro é que os estudantes, genericamente considerados, não são uma instituição formal coisa, dotada de voz oficial. A segunda é que eles são as personagens diretas da notícia, protagonizam os fatos com uma perspectiva pessoal, incompatível com a cobertura mais política e distanciada que o JN adota. Ou ainda, em outras palavras: como o tempo é escasso, a prioridade de voz é concedida às fontes de maior credibilidade junto ao público – as oficiais.

Se o reitor, personagem antagonista no conflito, e oficioso, tem mais voz inicialmente, por que então o predomínio de um ponto de vista favorável ao protagonismo estudantil no transcórre da narrativa jornalística? A explicação se divide em duas: a relevância da mediação do telejornal e do jornalista, e o papel fundamental dos adjuvantes, conforme veremos.

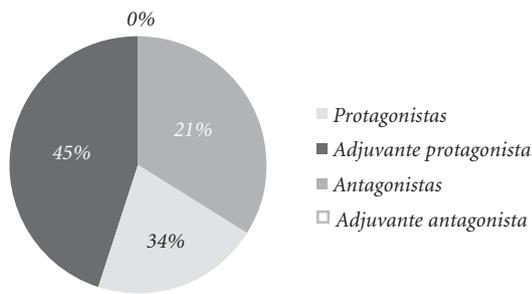
O Gráfico 1 abaixo mostra a divisão do tempo de voz no *Jornal Nacional*. Fica evidente o enorme peso da apuração e do ponto-de-vista expressado pelo próprio telejornal (por meio do âncora) e pelo jornalista (voz direta do repórter). O Gráfico soma o tempo de fala direto do protagonista com os seus adjuvantes, assim como do antagonista e seus adjuvantes. Isto é, os que apoiam um dos lados do conflito, corroboram ou agem de modo a tornar válidas suas vontades. De forma simples: aliados (amigos e inimigos, na expressão de Carl Schmitt, acima citado). O Gráfico mostra também o predomínio da voz do narrador telejornal, que detém a voz em quase 70% do tempo. Indica também que o movimento estudantil (protagonista) e seus adjuvantes obtiveram mais do dobro do tempo do reitor (antagonista) e seus adjuvantes na telenarrativa.

Gráfico 1 - Total do espaço de fala das personagens (somado aos adjuvantes)



Um fato significativo que precisa ser considerado na análise é a força das fontes oficiais que se posicionaram como adjuvantes dos estudantes. Elas obtiveram significativo tempo de voz na narrativa, o que explica o predomínio do protagonista sobre o antagonista. O Ministério Público, o senador Cristóvão Buarque, a Justiça e a Polícia Federal, todos adjuvantes de relevo, se posicionaram de maneira simpática ou tolerante com os estudantes na narrativa telejornalística aquiescendo ou apoiando de certo modo suas ações. Mesmo quando os discursos deles não se alinharam, os resultados (efeitos possíveis) pendiam para favorecer o movimento estudantil na narrativa.

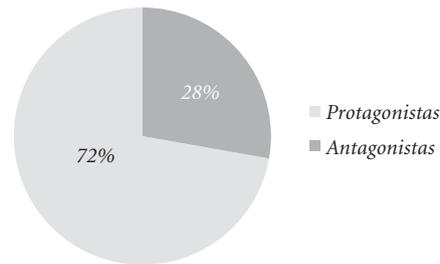
Gráfico 2 - Espaço de fala: protagonista, antagonista e adjuvantes (excuída intervenção)



O antagonista se enfraqueceu à medida que não disponibilizou adjuvantes credenciados para atestar o seu ponto de vista na narrativa. Mesmo que houvesse professores ou autoridades acadêmicas favoráveis aos pontos de vista do reitor, esse lado da história não obteve voz na narrativa construída pelo Jornal Nacional. Estrategicamente, do ponto de vista da disputa midiática, o antagonista falhou. Individualmente, o antagonista (uma só fonte pessoal, o reitor) obteve mais tempo que o protagonista (34% x 21%). Mas os adjuvantes do protagonista ‘roubaram a cena’, obtendo 45% do tempo, contra zero dos adjuvantes do antagonista. Somados, o protagonista e seus adjuvantes obtiveram 66% do tempo total de falas. Com vários adjuvantes de peso prontos para serem ouvidos, os estudantes acabaram sendo tratados como “heróis contra a corrupção”, e assim ganharam tempo e força na narração telejornalística.

A imagem do reitor, na metade da narrativa, já era tratada como fraca, a ponto de não resistir à força antagonista dos estudantes, mais ativos, detendo quase sempre a iniciativa das ações relatadas. As imagens de Timothy utilizadas eram sempre de arquivo, como se ele já tivesse “saído de cena” ou fosse uma personagem ultrapassada, quase derrotada na narrativa do episódio. O Gráfico 3 mostra o impacto da voz dos *news promoters* dedicada aos protagonistas: ela representa 72% do discurso dos *news promoters*.

Gráfico 3 - Divisão de tempo antagonista x protagonista (somados aos adjuvantes) excuída a intervenção jornalística



O esgotamento da narrativa

No dia 14 de abril de 2008 o telejornal relata que o reitor sucumbiu às pressões e pediu demissão. Uma matéria de 2 minutos e 16 segundos mostra a vitória final dos protagonistas. É a 9ª de 13 matérias veiculadas no Jornal Nacional sobre a ocupação. O reitor, nesse momento, perde sua função na narrativa. Sem antagonista, o JN passa a tratar com mais desprezo os “guerreiros contra a corrupção”, o movimento estudantil.

Os estudantes continuam acampados na reitoria e fazem novas exigências – querem indicar um novo nome para a reitoria da Universidade. Acontece que sem o antagonista como força contrária, os protagonistas ficam expostos na narrativa de forma solta, sem um adversário a combater. A partir do dia 14 de abril, os protagonistas passam a ser algo como ‘os rebeldes sem causa’. No dia 15 de abril a telenarrativa conta que assumiu um reitor *pro tempore*, para quem a mídia volta as suas atenções. Ele passa a ser a solução possível para o epílogo da narrativa, que perde a sua força enquanto conflito dramático. A ocupação da reitoria pelos estudantes já não representava a luta entre um protagonista e um antagonista, e do ponto de vista da tessitura de uma intriga, não mais fazia sentido.

No dia 16 de abril, o JN expõe uma visão narrativa diferente sobre os estudantes. Na voz de Fátima Bernardes, o protesto dos alunos por paridade na eleição do reitor é: “os estudantes querem que o voto deles te-

nha mais peso na eleição do novo reitor”. A redação ambígua parece pretender transformar uma simpatia em uma antipatia com os protagonistas junto ao público. Como se eles “pedissem demais”, demonstrando claro desconforto do veículo com o final da história a partir da “extinção” do antagonista principal (que acabou como o vilão da estória). Como o veículo detém um poder de voz hegemônico, sua visão impõe o fim da narrativa após o fim do conflito. O valor da narrativa como valor-notícia fica aqui claro. Sem os elementos clássicos da narrativa, sem as presenças antagônicas de um conflito, um protagonista na bipolaridade de um antagonista, a notícia perde a “liga”, “não rende”, não tece mais um sentido noticioso, e o JN decide que o fato já não merece mais ser contado.

● Considerações finais

Esta pesquisa revelou que as fontes, jornalistas e veículos de comunicação são atores sociais engajados em um enfrentamento pela voz, cada qual dispendo de seu capital simbólico-político. Eles conformam uma simultânea relação de dependência e cooperação. Esses atores sociais estão envolvidos em uma correlação de forças, da qual depende a construção da telenarrativa jornalística. O poder, habilidade e estratégia desses atores interferem na tessitura da intriga jornalística, embora haja quase sempre uma hegemonia dos veículos, seguidos pelos jornalistas e por último as fontes, estes últimos atores sociais detendo menor poder simbólico que os dois anteriores. A versão pública resultante dependerá das invisíveis ‘negociações simbólicas’ em curso em cada situação histórica.

A pesquisa mapeou o tempo/espço das personagens obtido na telenarrativa do *Jornal Nacional* da TV Globo pelos atores sociais da ocupação da reitoria da UnB em 2008, e pelos próprios narradores primários (telejornal) e secundários (repórteres). Na telenarrativa, os protagonistas (estudantes)

falam pouco e obtêm menos tempo que seu antagonista, a reitoria (uma fonte oficialista). Mas, as fontes oficiais favoráveis ao movimento estudantil agregam força ao protagonista, a ponto de o antagonista (a reitoria) aparecer isolado e sem vozes de apoio ao longo da telenarrativa, e acabar ficando numa posição negativa na estória. Este resultado revela como é estrategicamente importante em um conflito político midiático um determinado ator social do conflito não só agir e falar, mas disponibilizar para a mídia atores adjuvantes com credibilidade que possam agregar opiniões à visão de mundo do ator principal.

Outro ponto relevante a ser observado é o poder do valor narrativo como um valor fundamental para a existência e organização jornalística dos eventos, acima dos conhecidos valores-notícia. A intriga de um episódio ganha e prossegue nas páginas e telas dos meios de comunicação enquanto tiver um conflito e personagens bipolarizados em um enredo que sustente o confronto, até que o conflito se arrefeça diante da supressão do protagonista ou antagonista. Sem um deles, a narrativa deixa de fluir ou de interessar aos *news assemblers* porque perde os atributos enquanto ação/estória/narração. Sem ele, a narrativa deixa de ter um tema sustentável que mereça receber atenção.

Os resultados da pesquisa mostram relação ou coincidência entre a quantidade e qualidade do espaço e as ideias expostas no telejornal com o desfecho típico de uma narrativa. Isso ressalta a significativa relevância do valor narrativo para que uma notícia seja agendada pelos meios de comunicação de massa. O conflito dramático é o ponto nevrálgico da estória. É o frame estruturador que dispõe as personagens e as ações no desenrolar do episódio narrado. Tece a trama das continuidades e discontinuidades, organiza a difusa realidade e funciona como um marco cognitivo tanto para os repórteres como para o público organizar o difuso mundo social e político.

(artigo recebido jan.2013/ aprovado mai.2013)

Referências

- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. São Paulo: Bertrand, 2007.
- CHAPARRO, M. C. "Cem anos de assessoria de imprensa". In: DUARTE, J. **Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia**. São Paulo: Atlas, 2010.
- COOK, T. E. **Governing with the news**. Chicago: The University of Chicago Press, 2005.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2010.
- GENETTE, G. **Nuevo discurso del relato**. Madrid: Cátedra, 1998.
- GOMES, Wilson. **Transformação da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2004.
- MOLOTCH, H.; LESTER, M. "News as a purposive behavior: on the strategic use of routine events, accidents and scandals". **American Sociological Review**, v. 39, 1974.
- MOTTA, L. G. **Narratologia: análise da narrativa jornalística**. Brasília: Casa das Musas, 2006.
- MOTTA, L. G. "Análise pragmática da narrativa". In: LAGO, C.; BENETTI, M. **Metodologia da pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- MOTTA, L. G. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora UnB, 2013.
- MOTTA, L. G., BORGES, G.; LIMA, J. "Notícia e construção de sentidos: análise da narrativa jornalística". **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, v. XXVII, n. 2, 2004, p. 31-50.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo I. São Paulo: Papirus, 1994.
- SANT'ANNA, Francisco. **Mídia das fontes: um novo ator no cenário jornalístico**. Brasília: Senado Federal, 2009.
- SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 1999.
- SCHMIDT, C. **O conceito do político**. São Paulo: Del Rey, 2009.
- THOMPSON, J. B. **O escândalo político**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- TRAQUINA, N. **Jornalismo: questões, teorias, estórias**. Lisboa: Vega, 1999.

